



“A gente combinamos de não morrer”: corpo, imagem e disputa de sentidos da morte nos museus

“We agreed not to die”: Body, image and the dispute over the meanings of death in museums

“Acordamos no morir”: Cuerpo, imagen y la disputa sobre los sentidos de la muerte en los museos

Ellen Nicolau¹

 [0009-0000-7726-4184](https://orcid.org/0009-0000-7726-4184)

Resumo: A morte, em sua ambiguidade, encontra na museologia um campo de tensões entre silêncio e exposição. No âmbito da anatomia, o corpo é muitas vezes reduzido a objeto, sem reflexão sobre seus sentidos culturais. Em um cenário de ampla circulação e comunicação digital das ciências médicas, propõe-se que esses espaços se tornem arenas críticas, integrando ciência, ética e história para repensar suas representações.

Palavras-chave: Museu. Corpo. Morte.

Abstract: Death, in its ambiguity, finds in museology a field of tension between silence and exposure. In the realm of anatomy, the body is often reduced to an object, without reflection on its cultural meanings. In a scenario of widespread circulation and digital communication of medical sciences, it is proposed that these spaces become critical arenas, integrating science, ethics, and history to rethink their representations.

Keywords: Museum. Death. Body.

Resumen: La muerte, en su ambigüedad, encuentra en la museología un campo de tensión entre el silencio y la exposición. En el ámbito de la anatomía, el cuerpo a menudo se reduce a un objeto, sin reflexionar sobre sus significados culturales. En un escenario de amplia circulación y comunicación digital de las ciencias médicas, se propone que estos espacios se conviertan en ámbitos críticos, integrando la ciencia, la ética y la historia para repensar sus representaciones.

Palabras-clave: Museo. Muerte. Cuerpo.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo, Ma. em Museologia, Esp. Gestão Cultural; Educação em Direitos Humanos; História, Saúde e Divulgação da Ciência. Professora no curso técnico de Museologia do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. *Lattes:* [8820553386118385](https://lattes.cnpq.br/8820553386118385) - *E-mail:* ellen.nicolau@unifesp.br.



Ellen Nicolau

“A gente combinamos de não morrer”:

corpo, imagem e disputa de sentidos da morte nos museus

[...] E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?
— Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.

(João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*, 1956)

Em determinadas paisagens sociais e instituições culturais, como os museus, a morte se apresenta como horizonte naturalizado, tão presente no cotidiano que torna-se capaz de se dissolver na sua própria lógica processual de trabalho, refinando, historicamente, as técnicas pelas quais se apresenta. Nesses contextos, não se morre apenas ao final de uma trajetória biológica ou de uso: morre-se por abandono, por silêncio, por invisibilidade e pelo esquecimento e negligência, às quais, pessoas e objetos, em sua trajetória e ainda que total disparidade, podem ser submetidas.

Na emboscada da vida, onde se entrecruzam mortes morridas e matadas, os museus podem ser compreendidos como instituições que, de certo modo, também convivem com a iminência de sua própria finitude. Diferenciam-se, contudo, de Severino, personagem central da obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (1956) na medida em que ele é conduzido pela narrativa em seu percurso pelo rio Capibaribe, símbolo do deslocamento existencial e do confronto com a morte. Nesse sentido, os museus fabulam suas paisagens, mas há entre eles e a obra cabralina um ponto de convergência fundamental: a presença constante e anunciada da morte. Assim como no título da obra, em que a morte se inscreve antes mesmo da vida, os museus trazem em si uma espécie de morte premeditada. Isso se manifesta tanto nas incessantes tentativas de sobrevivência das coleções ao longo do tempo quanto no encontro inevitável com a própria condição de fragilidade diante das mudanças sociais, culturais e históricas.

Com a possibilidade de ser lido como uma metáfora viva da tensão entre morte e vida, os museus são espaços que preservam e problematizam vestígios do passado (materiais e imateriais) em relação ao presente, mas que, ao mesmo tempo, lutam constantemente contra a ameaça da obsolescência e do desaparecimento, ressignificando suas formas de atuação. Tal como Severino, que experimenta a dureza da existência e a proximidade da morte em cada



etapa de sua caminhada, os museus também encarnam a experiência de uma sobrevivência precária e incerta, marcada por resistências, permanências e renovações de sentidos.

A metáfora e epígrafe em destaque, ao cruzar aspectos da história e da literatura, permitem pensar que “[...] talvez até maior do que a própria verdade, é a ficção quem dá forma a uma sociedade, que é assim composta por narrativas consonantes, dissonantes, complementares e, por vezes, contraditórias” (Gonçalves & Olivo Júnior, 2002, p. 7). Fruto desta ficção em que as verdades se operacionalizam e tornam-se fundamentais justamente porque ela amplia as possibilidades de apreensão do real ao articular sensibilidades, subjetividades e experiências que remetem a experiências históricas de exclusão, precariedade e violência estrutural, os museus permitem compreender a morte como uma construção social, cultural, econômica e política na qual historicamente, a forma como se morre, e pela qual se representa essa morte, revela também valores, desigualdades, disputas de poder e aspectos da memória coletiva que carregam inclusive as formas de resistir a esta morte. Com a *escrivivência* de Conceição Evaristo (2014), o título deste artigo é uma referência direta a evocação das formas de existir, afinal, pensar a morte no contexto museológico implica reconhecer que tais instituições sempre a incorporaram em seus acervos e narrativas através da violência, seja por meio de coleções anatômicas, objetos funerários, registros documentais ligados ao morrer e outras ações que comumente a tratam como simples operação que apesar de constante, não foi acompanhada por um enfrentamento profundo de seus dilemas éticos, históricos e simbólicos. Assim, cabe compreender museus, segundo o Conselho Internacional de Museologia (ICOM, 2022), como:

[...] instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos.

Esta definição evoca a complexidade de tarefas destinadas a instituições museológicas que historicamente herdaram como prática museal lógicas de coleta, classificação e exibição apartadas dos contextos de produção e obtenção de acervos. Ao tratar remanescentes humanos e seus vestígios como artefatos desprovidos de biografia, deslocando-os de suas histórias individuais e coletivas, esse distanciamento, que serviu durante muito tempo aos ideais científicos e positivistas do século XIX, revela-se insuficiente diante das demandas



contemporâneas por transparência, participação social, sensibilidade histórica, ética e diversidade cultural. Ao não problematizar o lugar da morte e dos mortos em suas exposições, os museus correm o risco de perpetuar formas de desumanização e de silenciamento, negligenciando a oportunidade e seu lugar de destaque vide a definição apresentada acima, na promoção de debates críticos a partir do tema. Ao adentrar as discussões a respeito do corpo, corpo biológico e corpo musealizado, através de suas dimensões material, simbólica e funcional está a interlocução entre as formas de salvaguarda do morrer, isto é, entre as formas pelas quais se preserva a ideia da morte, que assume múltiplas camadas de resignificação. No caso específico abordado neste artigo, elas estão relacionadas às instituições voltadas para o ensino das ciências médicas, nas quais as coleções didáticas e os museus, desde o século XVIII, são testemunhos do desenvolvimento de técnicas de representação com ênfase no corpo anatomizado e suas patologias. Assim, esses acervos também evidenciam como a morte, o corpo e suas transformações foram sendo sistematicamente incorporados ao campo da ciência e da cultura museológica, inclusive com réplicas e diferentes formas de abordar o corpo, como os próprios modelos médicos em viés de ceroplastia, que fazem parte de diversas coleções desta tipologia de museus e, segundo Sônia Faria (2009, p. 51):

[...] continuaram, até ao século XX, a serem executados e utilizados para fins didáticos. Ao mesmo tempo, os museus médicos centraram-se numa função educativa. Em muitas escolas médicas do século XVIII, as coleções foram cada vez mais vistas como elementos essenciais do currículo, e uma série de importantes museus médicos devem a sua fundação a esta finalidade pedagógica.

Defronte museus não como a finalidade em si, mas meio que evidencia atividades em caráter de laboratório didático no quesito das ciências médicas, torna-se imperativo concebê-los como espaços de reflexão, onde o conhecimento técnico se entrelaça à dimensão ética e a uma postura curatorial capaz de reconhecer tensões e assumir responsabilidades a respeito das coleções sob sua guarda. A partir do conceito de Pierre Nora (1984), propõe-se a interpretação do corpo enquanto lugar de memória e entidade construída e reconstruída historicamente na qual dimensões simbólicas se articulam a aspectos da história e o corpo é manifesto ao ser capaz de escapar do esquecimento, seja pela violência a que foi submetido em vida, em morte, pela sua trajetória genética singular, patologia ou até mesmo experiência pós morte. Nesse sentido, a variedade de modos de lembrar que acompanham o corpo nos museus reflete as diferentes temporalidades históricas e imprime seus tratados científicos,



médicos e políticos na cartografia da sua materialidade.

No cerne das dicotomias da história do Brasil, segmentada pela predisposição daqueles que transitam entre as possibilidades de morte morrida e morte matada, também é alvo da Museologia contemporânea refletir aspectos desta historicidade frente a sua permanência enquanto tecnologia social. Presentes na obra *Morte e Vida Severina*, publicada em 1955 e em diálogo também com a obra *Grande Sertão Veredas*, publicada um ano depois pelo poeta mineiro e também diplomata, João Guimarães Rosa², na perspectiva museológica, a distinção entre "morte morrida" e "morte matada" pode ser mobilizada como chave interpretativa para refletir sobre o destino simbólico de objetos, narrativas e memórias no interior das instituições e processos museológicos. A "morte morrida", tida como aquela que vem a ocorrer em decorrência de um ciclo de vida de trajetória patológica/biológica, nesse contexto, corresponderia ao processo pelo qual determinados acervos ou relatos se tornam obsoletos de forma gradual, em decorrência de mudanças nos repertórios culturais, nos interesses públicos ou nas suas próprias condições materiais de conservação. Já a "morte matada", que seria ocasionada por situações abruptas de ato externo ou violências³ remete às escolhas ativas e estruturais que impõem silenciamento, apagamento ou distorção a determinadas histórias, muitas vezes associadas a sujeitos e grupos subalternizados. Isso ocorre, dentre alguns exemplos, quando coleções são descontextualizadas ou sequer catalogadas e protegidas, etnografias são estetizadas ou experiências traumáticas são reduzidas a objetos e cenários de contemplação. Assim, os museus não apenas representam a morte, mas podem também ser agentes de sua higienização sistemática (Price, 2016) e imposição simbólica, seja pela omissão, seja pela forma como constroem e hierarquizam as narrativas sobre o passado, conformando o apagamento deliberado da morte como evento social e cultural.

Sob essa perspectiva, os museus ocupam um lugar de destaque enquanto espaços de preservação da memória pois carregam a responsabilidade histórica no repertório da seleção - ou não - daquilo que é - e foi - considerado digno de ser lembrado. No entanto, essa escolha

² Que cunhou a célebre frase de que “a gente morre é para provar que viveu” durante seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1967.

³ Não se trata de excluir o campo da violência da ‘morte morrida’, principalmente ao entender que as mesmas são produzidas em todas as esferas da vida, incluída as ações de assistência à saúde vide os indicadores de mortes evitáveis, marcadores da desigualdade em saúde e discussões sobre as trazidas pelo filósofo camaronês Achille Mbembe a respeito das necropolíticas. Trata-se aqui de evidenciar a diferença para sua aplicabilidade em campo museológico. Ver mais em: Mbembe, 2018.



nunca é neutra e as práticas museológicas operam por seleção, deslocamento e enquadramento, onde objetos, imagens e histórias, ao serem arrancados de seus contextos, podem ser instrumentalizados, transformando-se em fragmentos de um passado que serve mais ao presente institucional do que à complexidade de suas origens, onde “[...] sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato” (Hartog, 2013, p. 148), se ausentando das discussões na perspectiva histórica de suas coleções.

Essa complexidade se acentua na contemporaneidade, em que a circulação global e instantânea de imagens, discursos e afetos reconfigura nossa relação com a finitude. A morte, antes marcada por rituais, limites e espaços de resguardo, é hoje visível em tempo real, mediada por tecnologias digitais e um campo da economia da atenção⁴ que simultaneamente expõe, estetiza e torna a dor um mecanismo de solidariedade compartilhável através de cliques.

O corpo e sua representação nas mídias sociais

Na tradição historiográfica, a morte tem sido abordada como um fenômeno testemunho de determinada época. Assinalado pelos estudos de Philippe Ariès de 1975, que exploraram as transformações das atitudes frente à morte no Ocidente, compreende-se que o modo como uma sociedade lida com seus mortos e a própria morte em si expressa não apenas seus temores e esperanças, mas também seus sistemas de crença, dispositivos institucionais e seus regimes de memória. A morte, ao ser ritualizada, narrada ou silenciada, adquire uma dimensão simbólica que ultrapassa o indivíduo e se inscreve no tecido da memória coletiva, campo de disputa e de construção cultural no qual o museu é um de seus palcos privilegiados (Le Goff, 2003). Ao evocar a temática da circulação da morte nas mídias sociais contemporâneas, se reconhece que estes mecanismos têm transformado profundamente os modos de representação do corpo e do morrer. Plataformas digitais vêm abrigando conteúdos que expõem remanescentes humanos, práticas anatômicas, acervos museológicos ligados ao

⁴ Segundo Ladislau Dowbor, o papel da indústria da atenção se relaciona a forma estruturante da economia capitalista no século XXI na qual está pautada, inclusive, a construção de valores dada por um modo de produção informacional impulsionado pelo que considera uma revolução digital que está irrompendo violentamente comportamentos num universo que até então possuía suas regras pré concebidas. Ver mais em: Dowbor, 2022.



tema de forma crescente e em muitos casos, sem o devido enquadramento ético e histórico⁵. A lógica algorítmica dessas redes privilegia a imagem impactante e o consumo rápido de conteúdo, o que pode reduzir a complexidade simbólica da morte a um mero alcance visual. Entre o culto à memória, o corpo como atividade utilitária à uma ideia de ciência e a banalização do sofrimento, emergem novas formas de significação e experiência da morte, que interpelam também o campo acadêmico de análise e demandam novas abordagens interdisciplinares pois a partir da morte invertida e mais especificamente, da ideia de apelo a dignidade para se referir ao cenário contemporâneo da morte, cabe destacar que “[...] o modelo mais recente da morte está ligado à medicalização da sociedade, isto é, a um dos setores da sociedade industrial onde o poder da técnica foi melhor acolhido e ainda é menos contestado” (Ariès, 2014, p. 800).

Ao estruturar práticas sociais e se projetar nas formas de registro e preservação do passado, o crescente uso de imagens de remanescentes humanos nos meios digitais evidenciam fenômenos que tensionam fronteiras entre ciência, educação e espetáculo, suscitando reflexões sobre os limites éticos da representação. Enquanto museus científicos tradicionalmente apresentam corpos como instrumentos de educação e memória, amparados por curadorias e eixos de pesquisa que buscam equilibrar ética, pedagogia e historicidade, observa-se, nos ambientes virtuais de outras instâncias como escolas de anatomia com ênfase em estética, uma estetização do corpo voltada à atração de estudantes e à valorização de remanescentes humanos como produto que agrega aspectos de qualidade à formação durante os cursos. Diante desse contraste, este estudo propõe investigar de que forma o uso simbólico e visual de remanescentes humanos difere entre a comunicação em cursos privados, com ênfase no conhecimento de anatomia e as práticas museológicas, especialmente no que tange a função educativa. A relevância da pesquisa reside na necessidade de compreender como

⁵ Aqui destaca-se o *Código de Ética para Museus* do Conselho Internacional de Museus (ICOM), documento de referência mundial para a conduta profissional no campo museológico que estabelece princípios fundamentais relacionados à gestão de coleções, responsabilidade social e respeito aos contextos culturais e históricos associados aos acervos. Publicado com unanimidade em 1986 pela *15ª Assembleia Geral do ICOM*, realizada em Buenos Aires, sofreu modificações na *20ª Assembleia Geral* em Barcelona em 2001 e foi revisto na *21ª Assembleia Geral* realizada em Seul em 2004. Apesar de revisões, questões referentes à complexidade de acervos relacionados à Saúde e ciências médicas, assim como debate em torno das questões de remanescentes humanos não são abordadas em profundidade. Atualmente, o código encontra-se em processo de atualização a fim de responder aos novos desafios da museologia no século XXI. Essa revisão busca alinhar as diretrizes internacionais às transformações sociais, tecnológicas e políticas que impactam a atuação dos museus na contemporaneidade. O detalhamento deste processo, assim como o documento integral, pode ser acompanhado em: [ICOM](https://www.icom-museum.org/pt-br/etica). Acesso em agosto de 2025.



distintas instituições, sejam elas educativas ou culturais, constroem sentidos sobre a morte, o corpo e a ciência, influenciando percepções sociais sobre o que é aceitável ou desejável nas diferentes formas de exposição de remanescentes humanos.

Historicamente marcada pelo avanço da biomedicina e técnicas anatômicas, que não apenas transformaram os modos de entender e intervir no corpo humano, mas também o redefiniram enquanto objeto histórico de análise e de poder, as indagações e abordagens que enfatizam as dimensões simbólicas e políticas do corpo, particularmente em contextos ocidentalizados no âmbito da sua morte, revelam profundas interseções e até mesmo dicotomias entre a morte como fenômeno biológico e a vida pós morte enquanto fenômeno cultural.

No embate entre as distâncias da morte e aproximações do corpo, refletir como os processos de morte morrida e matada, após falecimento biológico, estão - ou não - ligados a sistemas de memória e como sua dimensão sociocultural se apresenta é refletir acerca dos significados que também a dotam de força simbólica capaz de reposicionar o corpo como um objeto de significação, onde os processos de salvaguarda e representação refletem a busca por compreender e perpetuar narrativas sobre a vida humana com destaque para as próprias relações de formação de coleções com objetivos específicos. Para refletir aspectos da materialidade do corpo enquanto legado cultural e lugar de memória, se apresenta aqui um levantamento breve sobre comunidades e culturas *online* em abordagem *netnográfica* (Kozinets, 2014) de mídias sociais (*Instagram*). A partir da *internet*, do estabelecimento de suas comunidades *online* como espaços de socialização e comunicação de questões relacionadas ao corpo e do reconhecimento da cibercultura como técnicas, práticas, atividades, modos de pensamento e de valores que se desenvolvem conjuntamente com estes usuários (Lévy, 1999), dentre múltiplos debates, sua diversidade e milhares de conteúdos criados a respeito de pautas relacionadas ao tema, há que ser discutido o assunto visto o existente território acerca da representação e uso das narrativas de remanescentes humanos nas mídias sociais.

Assujeitamento dos corpos em Rede

Na metodologia proposta (*netnografia* a partir da mídia social *Instagram*), insere-se aqui três sequências de análise de dados, sendo elas: dados arquivais, extraídos e notas.



Para os dados arquivais, a pesquisa, a partir de um mapeamento prévio por meio de buscas simples de *hashtags* em mídias sociais, culminou na análise de publicações com a *hashtag* *#museudeanatomiahumana* com cerca de mais de 100 publicações e conteúdos principalmente do Museu de Anatomia Humana da Universidade de São Paulo e do Museu de Anatomia Humana da Universidade Federal do Rio de Janeiro⁶. Nessa busca, como adjacências de *tags* mobilizadas a partir de perfis com a temática dos respectivos museus estão as *hashtags* *#anatomia* e *#cadáveres*. A partir delas, foi possível delinear perfis voltados à educação médica no campo da estética, como as do Instituto de Treinamento em Cadáveres⁷ e também aparecem publicações acadêmicas como eventos, cursos e congressos.

No *Instagram*, as *hashtags* funcionam como marcadores temáticos que categorizam e indexam conteúdos, permitindo que publicações sejam encontradas e agrupadas a partir de palavras-chave precedidas pelo símbolo “#”. Ao serem utilizadas estrategicamente, ampliam o alcance das postagens e facilitam a construção de comunidades em torno de interesses comuns (Highfield & Leaver, 2016). Do ponto de vista metodológico, a análise de *hashtags* se apresenta como ferramenta relevante para mapear fluxos comunicacionais, padrões de interação e representações sociais em ambientes digitais que permite observar fenômenos de forma sistemática. Assim, delimitou-se uma análise de dados extraídos em viés comunicacional de diferentes perfis, pois a análise destas evidencia diferentes contextos de uso e circulação de imagens e conteúdos. A *hashtag* *#museudeanatomiahumana*, com mais de 100 publicações, é predominantemente utilizadas por instituições universitárias voltadas à divulgação de conteúdos sobre o corpo humano, saúde e a manutenção de peças anatômicas. Já *#cadáveres*, que ultrapassa 5.000 publicações, aparece majoritariamente em perfis de peritos, profissionais da ciência forense, médicos legistas e cursos de tanatopraxia. A *hashtag* *#cadáveresfrescos*, com menos de 1.000 publicações, está associada principalmente a cursos de estética e harmonização facial. Por fim, *#cadaveresfreshfrozen*, com pouco mais de 100 publicações, surge geralmente vinculada à anterior, também relacionada a treinamentos na área estética, com ênfase na harmonização facial.

Ao adentrar as buscas sobre essas palavras o resultado é bastante elucidativo ao tempo histórico em que estamos e ao examinar os modos pelos quais a morte é narrada,

⁶ Respectivamente, os perfis das instituições estão disponíveis em: [MAH/USP](#) e [Por Dentro do Corpo](#). Acesso em julho de 2025.

⁷ Disponível em: [ITC-Treinamento](#). Acesso em julho de 2025.



materializada e disputada em instituições como as supracitadas, abrem-se possibilidades para refletir sobre os limites entre memória e esquecimento, presença e ausência. A análise *netnográfica* nesse sentido, pode fornecer subsídios de interpretação para os sentidos que atribuímos ao presente e às formas pelas quais comunicamos a preservação de remanescentes humanos. A circulação desses termos, ao adquirirem visibilidade no ciberespaço, exigem análises a respeito de seus conteúdos de forma que se delimitou uma análise de dados extraídos em viés comunicacional de perfis entre os dois Museus de Anatomia mencionados e o Instituto de Treinamento em Cadáveres.

Sem delongas a respeito da análise das imagens, o que acarretaria num outro artigo, chama a atenção a naturalidade com a qual remanescentes humanos são inseridos nas publicações, sem contextos vinculados a sua interpretação enquanto corpo social, dotado de trajetória histórica. A coisificação do corpo e sua transformação em item utilitário acompanha a discussão do tema em diferentes frentes. Na continuidade de buscas, o uso de ‘cadáveres frescos’ em aulas de técnicas de harmonização facial aparece como constante nas pesquisas simples de buscadores. Inclusive, o uso de cabeças humanas em cursos de harmonização facial tem ganhado crescente visibilidade nas mídias sociais, suscitando debates sobre seus aspectos éticos e legais⁸. No Brasil, a legislação proíbe a comercialização de cadáveres e de partes do corpo humano, de modo que o material utilizado deve obrigatoriamente ser proveniente de doação. Nos centros que adotam a técnica de conservação *fresh frozen*, a maior parte desses corpos tem origem em programas de doação localizados, sobretudo, nos Estados Unidos e, em menor escala, em países europeus como a Holanda. O que chama a atenção aqui é o teor das publicações. Abaixo, por exemplo, o projeto intitulado *Face Art Academy* aparece com destaque nas *hashtags* relacionadas à busca suscitada. Na imagem, o termo de “práticas em pacientes modelo” e “práticas em peças anatômicas de cadáver fresco” chama atenção nesse escopo de análise e segundo o Instituto de Treinamento em Cadáveres de Belo Horizonte (ITC), com descrição em seu perfil como “[...] maior e mais tecnológico centro de treinamento em cadáveres frescos da América Latina”, os cadáveres são importados dos “EUA e da Europa”. A iniciativa faz parte do *Grupo Kefraya*, de sistemas educacionais privados em saúde. No Centro de Treinamento do ITC também é possível realizar festas de

⁸ A repercussão dessas atividades têm ganhado destaque, a partir de 2024, em reportagens e notícias como: [O Globo](#). Acesso em agosto de 2025.

confraternização (Figura 3), informação que consta na aba “soluções empresariais” do site da instituição. Nota-se ainda uma mudança na identidade visual e no perfil das publicações a partir de 2025, período que coincide com a divulgação de reportagens com viés jornalístico a respeito do tema. A primeira imagem abaixo, já inserida neste novo período de identidade visual, chama atenção: embora traga uma narrativa afirmando que os pacientes possuem “uma história e uma família”, essa perspectiva humanizada não se repete em outras frentes de comunicação. Ao contrário, parece funcionar como um recurso retórico para suavizar a percepção pública, evitando desconforto ou questionamentos sobre possíveis dilemas éticos envolvidos nas práticas ali desenvolvidas. Nesse sentido, tal enunciado atua mais como estratégia de publicidade da instituição do que como compromisso efetivo com a memória e a dignidade dos remanescentes humanos utilizados nos treinamentos. A imagem 02, vinculada a antiga comunicação visual, também demonstra que as publicações agora se vinculam a rede pela qual os cursos são oferecidos em centros de ensino distribuídos em diferentes estados do Brasil.

Fig. 1: Print de publicação de 01 de agosto de 2025
Instagram do Instituto de Treinamento em Cadáveres de Belo Horizonte

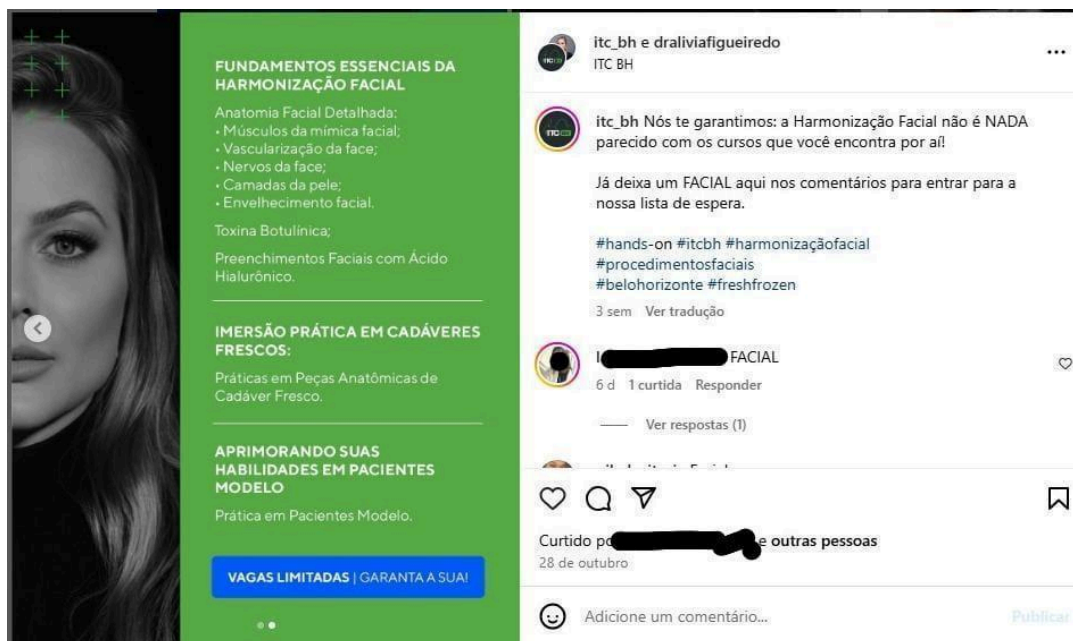


Fonte: @itc_bh.

Ellen Nicolau

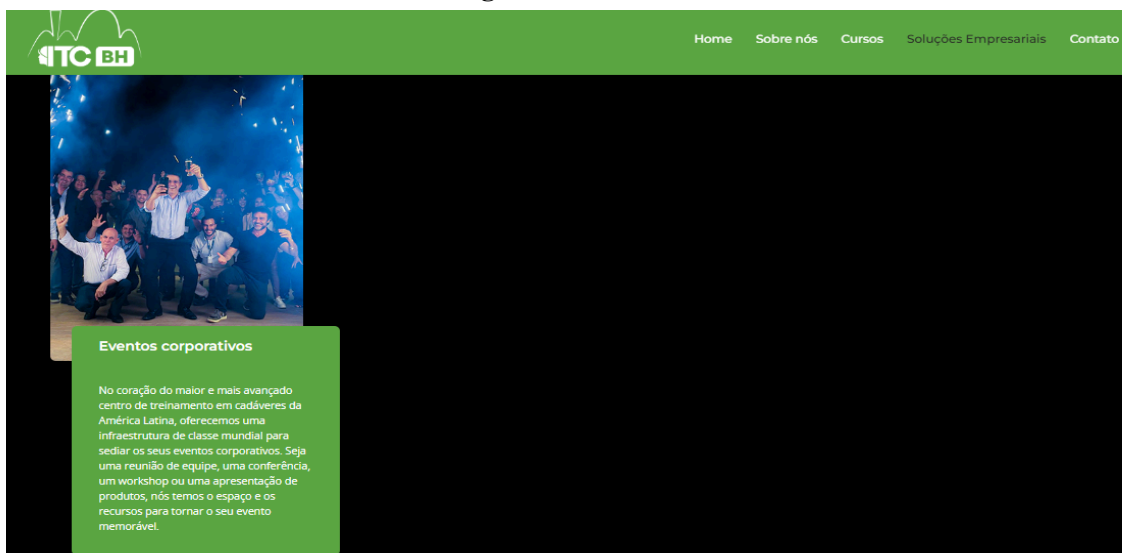
*“A gente combinamos de não morrer”:
corpo, imagem e disputa de sentidos da morte nos museus*

Fig. 2: Print de publicação de 28 de outubro de 2024
Instagram do Instituto de Treinamento em Cadáveres de Belo Horizonte



Fonte: @itc_bh.

Fig. 3: Print de site



Fonte: ITC BH. Acesso em junho de 2025.

Com base nas discussões da dimensão simbólica, social e histórica do corpo, a veiculação de ações como as elucidadas acima evidencia a proporção do corpo enquanto objeto consumível a outros sentidos e até mesmo atividades. No reconhecimento do conhecimento anatômico, o crescimento da tecnologia e seu uso em campos como a estética,

sugere novas tecnologias de poder que implicam em novas investigações sobre a cultura do tempo histórico presente e convocam novas leituras para sua compreensão, indissociável do fato de “[...] como não ver em todos os debates atuais sobre bioética, convocando o moral, o jurídico e o político, em todos os projetos de elaboração das leis, uma confirmação dos laços que o poder estabelece com os corpos de seus cidadãos” (Maia, 2003, p. 99).

Para além destes casos, também aparece com recorrência a partir das *hashtags* pesquisadas, o Museu de Anatomia Humana da USP, que divulga conteúdos científicos e educativos com abordagem do corpo sob perspectivas biológicas. Em determinados momentos são realizadas publicações temáticas com tendências da internet (*trends*) ou mesmo diante de efemérides do campo da Saúde. Com postagens que incluem fotografias de peças anatômicas do acervo (lembrando que no museu, presencialmente, é proibido fotografar as peças), curiosidades, atividades educativas e exposições, o perfil em rede social busca engajar o público acadêmico e em geral, promovendo a valorização do conhecimento anatômico.

Fig. 4: Print de publicação de 30 de agosto de 2024
Instagram do Museu de Anatomia Humana da USP



Fonte: @mah.usp.

Cabe destacar que a linguagem utilizada, assim como a fotografia e legenda consideram aspectos biológicos e da patologia em si acerca da peça anatômica apresentada. Outra publicação apresenta uma sequência de imagens que explora a temática “inverno x infarto”, abordando a relação entre a queda de temperatura e o aumento da incidência de

doenças cardiovasculares. Ao inserir esse conteúdo em sua programação digital, o museu reafirma seu papel como agente ativo na promoção da saúde pública. Ao articular saberes científicos com questões do cotidiano, a instituição se posiciona como espaço de diálogo, capaz de traduzir informações médicas, ainda que sejam publicações com menos interação e linguagem extensa, a publicação estimula a conscientização da população sobre fatores de risco e cuidados preventivos e insere o corpo num lugar não só de cuidados médicos, mas, ainda que de forma tímida, em perspectivas de bem estar.

Fig. 5: *Print* de publicação de 17 de julho de 2025
Instagram do Museu de Anatomia Humana da USP

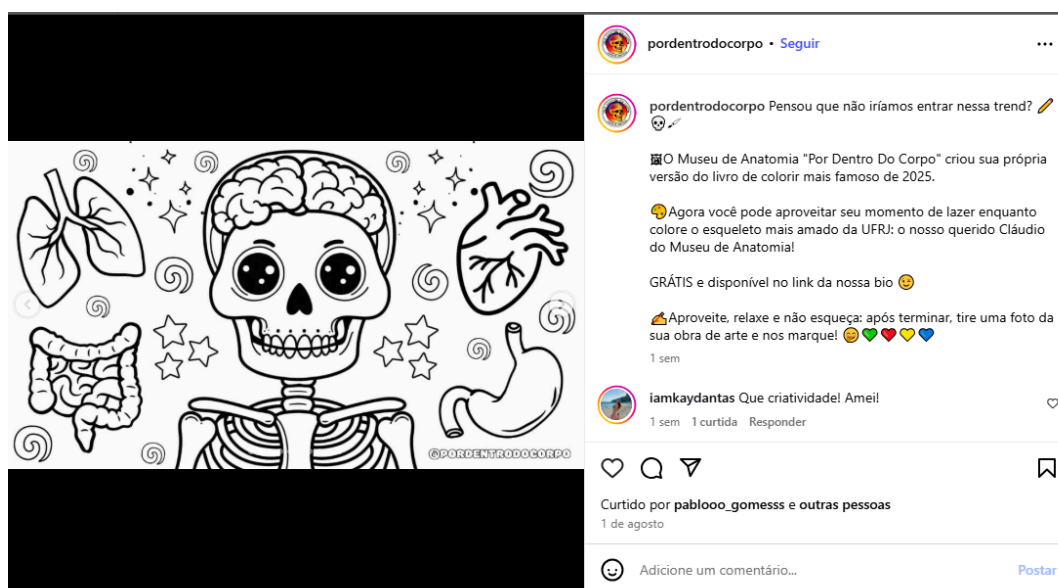


Fonte: @mah.usp.

Abaixo, em consonância ao levantamento a partir das *hashtags*, há o exemplo do Museu de Anatomia da UFRJ que utilizou seu mascote, um esqueleto apelidado de Cláudio, cuja nomeação já indica uma tentativa de humanização e de inseri-lo simbolicamente como parte da equipe, como protagonista de um livro de colorir inspirado no estilo de *Bobby Goods*, livros de colorir criados pela ilustradora americana Abbie Goveia que se tornaram populares em mídias sociais e comércio popular. Os desenhos são conhecidos por seus traços simples representando animais em cenas do cotidiano. Essa iniciativa revela o potencial do museu para abordar questões relacionadas ao corpo de forma lúdica e criativa, ao mesmo tempo em que contribui para a popularização e humanização do conhecimento anatômico. Ao

aproximar o esqueleto de uma narrativa afetiva, a comunicação do museu rompe com a distância formal que frequentemente marca as representações científicas do corpo e o próprio repertório das ciências médicas no Brasil, ampliando seu alcance educativo e promovendo diálogos mais sensíveis com o público, assumindo um lugar relevante no debate contemporâneo sobre ciência e saúde.

Fig. 6: *Print* de publicação de 01 de agosto de 2025
 Instagram do Museu de Anatomia UFRJ



Fonte: @pordentrodocorpo.

A partir dos dados arquivais e extraídos diante das fontes analisadas, é possível refletir que a comunicação, por parte das instituições mencionadas, revela disputas contemporâneas sobre seus sentidos. Entre museus de anatomia e institutos privados de treinamento com remanescentes humanos emergem aproximações em relação ao distanciamento da história social e contraste em relação à estética da representação. Ao observar as estratégias comunicacionais dessas entidades no *Instagram*, nota-se que o que está em jogo vai além da mera presença do corpo: trata-se de como ele é inscrito em discursos – ora educativos, ora mercadológicos – e de como esses afetam sua significação pública. Os museus, enquanto instituições com compromisso público, possuem um papel histórico na educação científica e na preservação da memória. Inseridos em uma tradição museológica que remonta ao século XIX fortemente atravessada pelas ideias iluministas de conhecimento e progresso, os museus hoje exercem uma função crítica ao apresentar o corpo não apenas como objeto, mas como



bem cultural. Nas redes sociais, os museus mantêm esse compromisso de forma adaptada aos tempos digitais: além da imagem, há legendas explicativas, referências, discussões sobre ética e, sobretudo, uma ativa participação dos seguidores. Os comentários nas publicações funcionam como espaços de troca, dúvida, reflexão e até de emoção em algumas publicações. O engajamento do público, nesse caso, pode ser interpretado como sinal de sua função formadora, promovendo acesso democrático ao conhecimento e estimulando o pensamento crítico sobre o corpo, a ciência e a morte, ressignificando inclusive seus aspectos entre morrida e matada.

Este cenário é bastante distinto nos perfis de instituições privadas de treinamento em cadáver, como o ITC. Com forte presença digital, essas instituições utilizam o *Instagram* predominantemente como vitrine promocional de seus cursos, em sua maioria voltados à área da estética. Remanescentes humanos são inseridos em contexto técnico, despidos de qualquer referência histórica ou simbólica, com uma linguagem visual que remete ao *marketing* e à formação de portfólio. Fotos dos cursistas e professores, rostos sorridentes e concentrados durante as aulas são divulgados como parte de uma estratégia de valorização profissional no mercado, o que revela a instrumentalização de remanescentes humanos como recurso publicitário de credibilidade. Esse processo implica no que Foucault (1977) considera enquanto *assujeitamento do corpo* em que ele está à sujeição de padrões vigentes e torna-se objeto e testemunho das normas sociais, culturais e dos discursos de normalização e controle sob a lógica da performatividade digital.

Apesar das diferenças, em ambos casos, o tema é estetizado e recortado de sua biografia, transformado em superfície técnica. A respeito da motivação dessa tipologia de coleção, cabe dizer que sua origem está “[...] fundamentada na instrução, em face da atualidade tecnológica de ensino médico” (Closs, 2023, p. 2) e que, portanto, há uma série de lacunas de recorte de análise nas quais cabem questionamentos a respeito dessas formas de comunicar, se relacionar e se implicar de modo ético. Ao analisar esses três modelos comunicacionais, entendidos na esfera da publicidade (ITC), recurso de demonstração das relações saúde-doença na esfera do indivíduo (MAH USP) e ferramenta democratizante do conhecimento anatômico (MA UFRJ), é possível observar como o deslocamento de sentidos dos fenômenos da morte e do corpo se expressa de forma particularmente aguda nas sociedades contemporâneas, intensificada pela mediação tecnológica das mídias sociais e



pela hipervisibilidade do tema nas mesmas que agora aparece frequentemente como um conteúdo disponível, acessível e consumível.

O deslocamento deste enigma da morte continua a operar como força simbólica que estrutura nossa relação com o tempo, o corpo e a memória. Ainda que tenha sido progressivamente modificada e afastada da vida social nas sociedades modernas ao ser convertida em evento privado (Elias, 2001) e quase técnico, cabe destacar que ela ainda permanece como eixo estruturante de laços afetivos, formas de luto e coleções museológicas, num fluxo comunicacional que mudou ao longo dos séculos, acompanhou transformações profundas nas formas de organização social, nas mentalidades e nos regimes de sensibilidade e que permanece se modificando diante do Ciberespaço e dos riscos, conforme os exemplos apresentados e sua redução a imagem, produto ou conteúdo que beira a curiosidade. Ao mesmo tempo que as tecnologias da informação e comunicação abriram novas possibilidades de ressignificação da morte: espaços virtuais de homenagem, arquivos digitais do luto⁹, coletivos que disputam narrativas históricas e tentam reintegrar o sentido de dignidade às vidas perdidas, a morte, como fenômeno que envolve a totalidade da vida social (Mauß, 2003) seja ela morrida ou matada, permanece operando internamente às estruturas sociais, convocando as ciências humanas e sociais a compreender não apenas o que fazemos com as histórias que acompanham remanescentes humanos, mas o que essa relação revela sobre os vivos, na qual não se pode ignorar a potência e os riscos dessas novas formas de exposição.

Considerações Finais

Dado que “os lugares de memória são, antes de tudo, restos” (Nora, 1993, p. 13), faz parte da compreensão histórica do corpo refletir suas diferentes dimensões, as formas de testemunhá-lo, e por que não preservá-lo, em sua complexidade de existência e performatividade coletiva. Através e a partir do corpo, que quase sempre está no centro dos debates, cabe perguntar: qual o lugar da disputa de corpos que são testemunhas de processos de violação do direito à memória? Qual o lugar da memória em corpos não identificados?

⁹ A respeito deste tema, cabe destacar iniciativas em torno da epidemia de Covid-19 no Brasil. Há em curso um grupo de trabalho para concepção e criação do *Memorial da Pandemia de Covid-19*, que será implementado com o apoio do Ministério da Cultura (MinC), o memorial virtual *Inumeráveis*. Disponível em: <<https://inumeraveis.com.br/>> e a iniciativa de reunião de materiais intitulada *Acervo da Pandemia de Covid 19* pela Universidade Federal de São Paulo. Disponível em <<https://acervopandemia-souciencia.unifesp.br/>>. Acesso em agosto de 2025.



Qual o lugar do corpo em histórias reduzidas ao desenvolvimento da biomedicina, suas técnicas e fragmentos anatômicos em formol? Qual é o desafio em lidar com os corpos sem disputas de suas identidades? Como refletir o valor histórico de um corpo esquecido? Como pensar na instrumentalização do corpo em prol dos valores estéticos vigentes?

Das dissecações públicas renascentistas passando pela sua musealização em espaços de ensino anatômico, uso no ensino de procedimentos estéticos aos debates mobilizados por povos indígenas sobre criopreservação e criopolítica (Kowal & Radin, 2015), nestas práticas do corpo, vistas também como práticas de biopoder (Foucault, 1977), é notável sua instrumentalização a serviço da produção de conhecimento – e até mesmo, de tendências de mercado –, mas raramente é considerada sua dimensão social. Essa abordagem unilateral desconsidera a possibilidade de que o corpo também possa funcionar como mediador cultural capaz de promover diálogos sobre mortalidade, identidade e memória coletiva. Em contraste, uma compreensão mais ampla do corpo como lugar de memória pode abrir caminhos para iniciativas que não apenas informam, mas também sensibilizam, conectando ciência e educação a narrativas de pertencimento e reconhecimento cultural. Ao performar atos cotidianos ou rituais, o corpo não é passivo nos processos de memória, mas um agente de transformação, participando ativamente das disputas e experiências no tempo e espaço. Pensar como os exemplos levantados a partir de remanescentes humanos refletem subjetividades assim como as políticas de reprodução do tempo presente testemunham as mesmas, é um exercício de deslocamento necessário em prol de engajar abordagens críticas a trabalhos de memória sobre o corpo em instituições ditas de pesquisa e ensino, com noções de presença, ausência e o corpo como tecnologia, objeto e alvo de poder. Ao selecionar diferentes referenciais para olhar o corpo, são levantadas adjacências das consequências éticas das formas de conhecimento que possibilitam questionar a própria performance de poder pela qual o corpo possibilita atravessar.

Nesse cenário, a museologia e seus agentes são chamados a repensar criticamente suas formas de engajamento com o público no ambiente digital. Isso se deve ao fato de que, quando remanescentes humanos, técnicas médicas ou artefatos científicos são expostos em redes sociais sem o devido contexto histórico, ético e educativo, os riscos são significativos e há o perigo da reprodução de estigmas ao apresentar remanescentes humanos ou objetos apenas como imagens impactantes. Corre-se o risco de reforçar visões preconceituosas e até



mesmo provocar a espetacularização imagética. Nas redes sociais, a circulação de imagens tende a privilegiar o choque, a curiosidade ou o consumo rápido de conteúdo sem mediação e, muitas vezes, desvinculado de qualquer finalidade educativa ou de preservação da memória.

Diante disso, a museologia precisa elaborar novas estratégias para lidar com a mediação digital, encontrando formas de comunicar sem comprometer sua integridade ética e histórica, preservando tanto a dignidade dos sujeitos representados quanto a função educativa e crítica do museu. Apesar dos riscos, as mídias sociais oferecem oportunidades para que instituições museológicas ressignifiquem seus acervos e alcancem novos públicos. Isso exige, no entanto, uma curadoria atenta que integre ciência, ética e memória com a mediação digital enquanto um espaço de elaboração coletiva da morte, da dignidade das pessoas e de reflexão sobre os modos culturais de lidar com o tema. Se *combinamos de não morrer*, é para afirmar um horizonte ético que oriente princípios museológicos e de comunicação digital comprometidos com a responsabilidade histórica e simbólica do que se expõe. Isso implica reconhecer que cada corpo, cada fragmento e cada narrativa carregam marcas de desigualdade, violência e exclusão, sobretudo em um passado atravessado por atrocidades coloniais, raciais e de classe. Assumir tal compromisso é assumir também a recusa pela neutralidade: é colocar a história a serviço da memória e da complexidade das análises em prol da reparação e da justiça social na construção de outros futuros e de práticas colaborativas e participativas nos museus.

Referências

Ariès, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

Closs, Jose Guilherme Veras. Conservá-las em museus quando de interesse científico: a coleção de remanescentes humanos na trajetória do Museu Técnico Científico do Instituto Oscar Freire. **Saúde Ética & Justiça**, v. 28, n. 2, p. 1–18, 2023.

Dowbor, Ladislau. **Resgatar a função social da economia: uma questão de dignidade humana**. São Paulo: Elefante, 2022.

Elias, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Evaristo, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.



Ellen Nicolau

“A gente combinamos de não morrer”:

corpo, imagem e disputa de sentidos da morte nos museus

Faria, Sônia C. **O Objecto e os Museus de Medicina:** Aprofundamento de um modelo de estudo. Dissertação (Mestrado em Museologia). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009.

Foucault, Michel. **História da Sexualidade I.** A vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

Gonçalves, Davi Silva & Olivo Junior, Valdir. História e Literatura: Diálogos possíveis. **Revista Tempo Espaço e Linguagem - TEL**, v. 13, n. 2, p. 7-12, 2022.

Hartog, François. **Regimes de historicidades:** presentismo e experiências do Tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Highfield, Tim & Leaver, Tama. Instagrammatics and digital methods: studying visual social media, from selfies and GIFs to memes and emoji. **Communication Research and Practice**, v. 2, n. 1, 2016.

ICOM. Conselho Internacional de Museus. Definição de museus aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a Conferência Geral do ICOM em Praga. Disponível em: <<https://www.icom.org.br>>. Acesso em julho de 2025.

Kozinets, Robert V. **Netnografia:** realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

Kowal, Emma & Radin, Joanna. Indigenous biospecimen collections and the cryopolitics of frozen life. **Journal of Sociology**, v. 51, n. 1, p. 63–80, 2015.

Le Goff, Jacques. **História e memória.** Trad. Maria Helena Rouanet. 6ª Ed. - Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

Lévy, Pierre. **Cibercultura.** Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

Maia, Antônio Cavalcanti. Biopoder, biopolítica e o tempo presente. In: Noaves, Adauto (Org). **O homem máquina:** a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras. 2003. p. 38-71.

Mauss, Marcel. Técnicas Corporais. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac & Naif, 2003. p. 399-422.

Mbembe, Achille. **Necropolítica.** Tradução de Renata Santini. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

Nora, Pierre. **Les lieux de mémoire.** La République. Paris: Gallimard, 1984.

Nora, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.



Ellen Nicolau

“A gente combinamos de não morrer”:

corpo, imagem e disputa de sentidos da morte nos museus

Price, Sally. Higienização da cultura, poder e produção de exposições museológicas. *In*: Lima Filho, Manuel; Abreu, Regina & Athias, Renato (Org.). **Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas**. Recife: UFPE: ABA, 2016. p. 273-283.

Submetido em: 10 de agosto de 2025.

Avaliado em: 02 de setembro de 2025.

Aceito em: 05 de outubro de 2025.